

## **QUANDO A CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA CONDENA E OS ESTILOS DE VIDA SE TORNAM PERIGOSOS: ENTRE A LEI E A NORMA.**

### **UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM GRUPOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES CONSIDERADOS EM SITUAÇÃO DE RISCO PESSOAL E SOCIAL E EM CONFLITO COM A LEI<sup>1</sup>**

**Soraia Georgina Ferreirade Paiva CRUZ<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O artigo ora apresentado, problematiza a questão da infância considerada de risco pessoal e social e adolescência em conflito com a Lei., Admitindo a produção sócio-histórica dessas figuras. Para tanto se utilizou de uma prática grupal com personagens situados à borda da sociedade, empobrecidos socialmente e percebidos como perigosos para si e para o campo social. Esse dispositivo possibilitou dar visibilidade a processos de desconstruções de saberes sobre essa população preconizados por diferentes áreas do conhecimento e a emergência de novos estilos de vida na contemporaneidade obtida por meio dos analisadores históricos os quais explicitaram os processos de subjetivação em curso. Nesse sentido, revela a resistência aos processos de normalização e normatização social.

**PALAVRAS CHAVES:** gestão de riscos, direito, psicologia, subjetividade, controle social, adolescência

#### **Introdução**

Nesta introdução, problematizamos como a criança em situação de risco pessoal e o adolescente em conflito com a Lei foram construídos, historicamente não de modo linear, mas em processos descontínuos. Esses personagens constituem-se, por meio dos processos de objetivação e subjetivação, efeitos de relações de poder e saber e de práticas sociais que forjam objetos e identidades — sujeitos dóceis e úteis.

Assim, a criança e o adolescente foram objetos que ganharam visibilidade e importância na constituição do Estado, o qual se formou com o desenvolvimento do sentimento de infância, sentimento de família e amor materno, com o objetivo de tornar tais personagens indivíduos necessários a ele.

Pensar, indagar sobre a produção da subjetividade, em crianças-em—situação-de-risco-pessoal-e-social e em adolescentes-em-conflito-com-a-lei é deparar-se com o “modo indivíduosdesviante”, engendrado por uma máquina de sobrecodificação de sentidos, produzidos pelos equipamentos coletivos: Estado, Escola, Polícia, FEBEM, ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e pelas legislações que lhes permitem sobrecodificar processos identitários da criança e do adolescente como perigosos para si e para a sociedade.

<sup>1</sup>Optamos, neste artigo, por transcrever todas as falas exatamente como foram enunciadas nos grupos. Com a preservação do vocabulário e linguajar dos participantes, procuramos ensinar ao leitor um acesso mais direto às suas subjetivações. Nomes próprios de pessoas e lugares, no entanto, foram alterados ou suprimidos para resguardar a identificação e privacidade desses grupos. As falas originais estão sempre gravadas em itálico e, por certo, não são mais desconcertantes do que as experiências de vida que expressam.

<sup>2</sup> Professora Assistente-Doutora do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp

Estamos supondo que criança- em- situação- de- risco e adolescente-em-conflito- com-a-lei são máquinas-dispositivo que fazem atravessar determinadas forças que ocorrem no campo social. É a marcação de uma diferença. Arriscamos -nos a afirmar que são agentes coletivos de enunciação e que, com seus modos de existencialização, rompem com valores e regras sociais, e com as idéias sobre infância e adolescência contidas nos equipamentos coletivos.

Cartografamos um plano de ramificação infinita dos desejos que se processam, como processos de produção, forças de produção de determinadas práticas, atos de produção política, campos de forças de criação, sempre no plano da multiplicidade, nos movimentos de enunciação e de engendramento de diferenças; a produção da subjetividade como autocriadora.

Crianças-adolescentes-em-situação-de-risco-pessoal-e-social-e-infrator são puras superfícies e visibilidades. Não há que se buscar uma interioridade, uma história pessoal, familiar, político-econômico-social como determinantes de seu modo de existencialização. Afirmamos, ainda, que, atrás da aparência, não há uma verdade oculta, uma origem a ser buscada, os planos são dos corpos sociais, efetuando as conexões, os acoplamentos, os desejos, os acontecimentos num devir incessante.

Indagamos como esse corpo funciona num encontro com outros corpos, se é por agenciamento num plano de organização marcada pela linha dominante ou não, se a capacidade de afetar e ser afetado afirma sua virtualidade rizomática, em outras palavras, estivemos atentos às intensidades do que se pluga e do que se vaza, do que se avança para produção de novas forças ou não.

Nesse sentido, cartografamos como essas crianças e adolescentes tecem modos de existência esse foi o objetivo central de nossos estudos. O encontro grupal foi um dispositivo utilizado para pôr em funcionamento os diversos diagramas e desenhos dos modos de viver, sentir, amar e desejar desses personagens.

Pensamos sobre cada acontecimento grupal como sendo uma ruptura das continuidades históricas, o imprevisível que se corporifica, fazendo-o funcionar nas linhas da atualização e da criação. Assim, o grupo foi um dispositivo em ação que funcionou, virtualizando expressões e sentidos inéditos, disruptivos, incitando os sujeitos a falarem ou a calarem-se. Pensamos sobre o grupo como sendo processo, num devir, tentando problematizar os modos de subjetivação, colocados no jogo do acaso, da luta pela e para a vida.

Nos grupos por nós realizados, alguns acontecimentos que atravessaram a vida dos componentes ganharam intensidade: as formas de sobrevivência, as práticas sexuais e os conceitos de criança e de adolescente. Essas transversalizações romperam com as idéias dos corpos idealizados e preconizados pelos equipamentos coletivos.

Tomando esses acontecimentos como analisadores históricos, foi possível cartografar como esses territórios vão intensificando questionamentos sobre suas condições de vida: a exclusão escolar, a falta de emprego e de estigmatizações, as relações de forças que os atravessam, fazendo-os inventar novas formas de vida.

Neste trabalho, portanto o discurso proferido nas relações grupais são sempre enunciações coletivas, nas quais não há privilégio de um sujeito único, detentor de verdades, O discurso é sempre produção coletiva que, num determinado momento de confluências e de fluxos, pode singularizar-se, ou seja, dar passagem, mediante um corpo, a um sujeito.

Durante os encontros estivemos sempre atentos ao processo de acontecimentos do grupo, privilegamos analisadores históricos. Segundo Rodrigues (1992, p. 42), analisador histórico

*“trata-se de um acontecimento ou movimento social, que venha ao nosso encontro, inesperadamente, condensando uma série de forças até então dispersas, nesse sentido, realiza a análise por si mesmo, à maneira de um catalisador químico de substâncias”.*

Considerar os discursos produzidos no grupo não significa para nós, buscar as origens dos acontecimentos, mas sim, descobrir determinadas intensidades que ganham expressão, como, por exemplo, os afetos (não no sentido de sentimento). Estes circulam e vão ganhando

visibilidades, ora em linhas flexíveis, num processo de desterritorialização, ora em linhas de fuga (resistências ao modo de subjetivação capitalista) ou numa multiplicidade de outros modos, para se territorializar nas diferentes linhas que se intercambiam num mundo de jogos de ofertas, de modos de ser.

Traçar uma cartografia do movimento grupal de crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal e social, e de infrator, é colocar em questão os fluxos em composição com multiplicidade de sentidos, em que o devir, a vontade de potência e a afirmação da vida podem ser conectados, num plano de imanência.

Traçar linhas que estão compondo um determinado território e, também, dele escapam é produzir desterritorialização. Traçar linhas que estão se recompondo é produzir reterritorialização. O que se cartografou foram os processos de composição e decomposição de territórios, mapeando as linhas que predominavam em cada território, as máquinas que estavam operando.

Nessa proposta, observamos atentamente os modos de expressão que se territorializam, desterritorializam e reterritorializam, nas três linhas da vida: linha dura, linha flexível e linha de fuga, dependendo dos fluxos (sociais, políticos econômicos, desejantes, institucionais) que atravessam o sujeito coletivo.

Esses movimentos ganham determinados planos de organização ou de consistência, entrelaçados, ora na linha dura (capturados num plano semiotizador dos Equipamentos Coletivos de Enunciação); ora na linha flexível, na qual os territórios se desmancham, compondo rupturas, infinitos agenciamentos; ora na linha de fuga que pode constituir possibilidades de invenção, criação ou, até mesmo, de pura desterritorialização (corpos que se conectam por uma paixão pela abolição).

Nesse sentido, consideramos e cartografamos os movimentos e as semiotizações produzidas nos movimentos de construção dos seguintes territórios: familiares e institucionais (família, escola e outros) que atravessam, cortando os sujeitos, nos seus modos de existencialização, da mesma forma que os afetos vão ganhando sentido e expressão.

Desse modo, foi possível evidenciar os analisadores históricos: a) formas de sobrevivência, b) práticas sexuais, c) os conceitos de criança e adolescente, os quais serão destacados a seguir.

### **1. Estratégias de sobrevivência: “bater cascudo”, “fazer fita”, “jogar chamego”, “fazer mula”**

Durante vários encontros, percebemos que as crianças e adolescentes chegavam e se amontoavam nos sofás, cochilando e, do nosso ponto de vista, não querendo produzir nada. Mal entravam no teatro, já diziam:

*“Tô com fome, fessora (sic) “.*

A apatia, a sonolência, os corpos deitados nos bancos, no sofá, no chão incomodavam-nos bastante. Por mais que tentássemos colocar analisadores construídos e tocássemos na questão da peça teatral, nada despertava o interesse. Naquele momento, atravessados pela impotência em relação a esse grupo, no desespero dessa sensação caótica, decidimos: “Já que querem relaxar, vamos fazer um relaxamento”.

Executamos a técnica do relaxamento, e os sujeitos nem se dispuseram a sair do local onde estavam. Quando terminamos o encontro, um deles disse:

*«Nossa senhora, afome até passou, que louco! Opsôra, ensina a gente este troço pra gente fazer sempre que tiver fome». (Saulo)*

Resolvemos então problematizar que fome era essa que, ruidosamente, nos incomodava em todos os encontros e que poderia ter sido pensada como algo totalmente sem importância, que mas que aparece, agora, como enunciador de uma situação vivida. Escutamos e perguntamos: Que fome é essa? Então, disseram:

*“De comida, de comida “...“já não agüento mais ir pro mato e comer manga verde “, a comida lá em casa acabou faz quinze dias”.*

Perguntamos então por que não tinham comida, e eles começaram a relatar os acontecimentos de suas vidas, transversalizadas por várias histórias. O discurso enunciado foi o seguinte:

*“(...) a gente mora num barraco perto da favela do Bonfim, e perto de um posto na rodovia, este barraco, foi minha mãe que comprou quando saiu do hospital de gente que não bate bem da cabeça. Nós tudo forno parar na Casa das Crianças, só meu irmão menor foi morar com a madrinha. Ficou lá internada uns nove anos, quando saiu buscou todos nós mais o Sílvio que não tem nem pai nem mãe, e nosso irmão mais novo ficou com a madrinha dele, quando saiu de lá encontrou o Índio, ele tem cabelo até no pé, e foi morar com ele e com nós.. Minha mãe, mesmo não entendendo muita coisa, ela deixa esses caras morarem lá, desde que comprem alguma coisa» (Carlos).*

Desse relato, pudemos desenhar uma casa aberta para fora, sem intimismos, sem privacidade, onde circulam nômades, andarilhos e travestis, que fazem programa no posto de gasolina. A regra que Janete, a mãe, impõe é: “roubar galinhas do vizinho não pode nem que esteja passando fome”.

Essa casa, bem como esses sujeitos convivem com os estrangeiros e, desse lugar, constroem seus lugares de filiação e seus modos de subjetivação, sendo que, nas suas falas, não há julgamentos morais.

Ao serem indagados sobre o que faziam para sobreviver, várias estratégias e táticas foram apresentadas, nomeadas e descritas

### **1.1. Explicaram o bater cascudo;**

*“a gente faz fita (furtos), “bate cascudo” (pedir esmolas), “faz mula” (tráfico de drogas). É assim, antes de bater cascudo a gente olha pra pessoa e manja se ela tem cara de que tem dinheiro e é boazinha” (Rodrigo).*

#### **Explicaram-nos o “bater cascudo”:**

*“A gente se sente humilhada einpedir a gente põe as meninas pra pedir e se esconde (...) A gente tem que inventar história de vá doente, pôr tragédia, coisa triste na história, daí a pessoa dá bastante coisa, do contrário não dá nada” (Rodrigo).*

## **1.2. Ou então placa de surdo-mudo:**

*“A gente vai para o centro da cidade com umnaplaquinha escrita ‘sou surdo- mudo, me dê um real’, aí é manha, na hora que a pessoa lê, ela já dá uns trocos” (Maurício).*

*“a gente pega uma caixa de sapato, rasga efaz uma tabuleta e pede para alguém escrever.’ sou surdo -mudo me dê uni real. É pegar dinheiro na certa, só que tem que ficar bem esperto, porque tem gente que desconfia e tenta tirar palavra da boca da gente” (Maurício).*

## **1.3.0 jogar chamego:**

*“quando não tem o que comer em casa faço chamnego em velhos e peço um real ou um maço de cigarros, velho não dá trabalho, jogar chamego em véio não é prostituição, é prostituição na cabeça de vocês” (Vera).*

*“Eu escolho pra fazer chamnego, moro lá na Favela das Cabritas e por lá passa um cara vendendo frutas e verduras numa perna véia. Se tô com fome e não tem nada pra comer eu pego uma bacia e espero ele passai:*

*Quando ele chega, junta um monte de gente em volta da perna, aí eu olho firme nele, encaro mesmo, não tiro os óios, mexo com a boca dando bejo pequenininho no am empino a bunda, encosto na perna com jeito de quem não quer nada mas quer tudo, daí é só esperar sair um pouco do povo, e ele enche a minha bacia de coisas e pergunta “Tem jeito? “. “Eu respondo,’ hoje não” e entro pra dentro com a bacia cheia de coisas pra comer que até sobra. “ (Rosa)*

*“Eu não vou de cara lavada e pergunto: “Tem fruta acabada aí? “Se tem, dá pra mim que tô com fome loca” (Rosa).*

Envolvido nas questões colocadas pelo grupo, Neguinho, de repente fala:

*“agora vou contar a verdade, meu pai não é aposentado, e eu joguei 171 na cabeça de vocês, minha mãe não é pedreira de fazer casa, como vocês acreditaram, ela e meu pai usam drogas, bebem e me fazem de mula, se eu não quero faze isso ele me bate de cano. Mas eu gosto deles e não quero que contem pra ninguém isso, porque tenho medo do Conselho Tutelar me tirar dele e pôr na FEBEM. Eles, quando se drogam, eu que cuido deles, se vem polícia eu corro enterrar o crack. a maconha, e a cocaína, e depois pulo uni muro com a enxada que eu mesmo não acredito que pulei. Descobri um jeito de fazer a mula sem ser pego pela polícia. Se é crack, eu compro um monte de chicletes e mistura a pedra, se a polícia fizer batida em mim nunca vai descobrir as pedra no chiclete, ou então eu faço um arranhão no joelho no asfalto e vou no posto de saúde e jogo um xaveco na enfermeira para ela fazer um curativo com bastante esparadrapo, daí eu colo afarinha, o pó dentro e vou fazer a entrega, eu não sou bobo não, não quero ir parar na FEBEM” (Neguinho).*

## **1.4. “Fazer a fita” é roubo ou furto, porém, há certas restrições, conforme explicaram:**

*“Do vizinho nós não roba nada, mas quando a fome aperta, a gente vai pra outras vilas, não de gente rica, de pobre mesmo, rouba um tênis, por exemplo, vende por um dois real, já dá pra comprar pão e dividir mas não é só tênis, é qualquer coisa que esteja dando mole” (Nei).*

*“Fui na geladeira, peguei, abri a geladeira, peguei carne, peguei arroz, peguei feijão, farinha, sabe? Tudo. Peguei bastante coisa mesmo. Peguei leite, peguei um galão de leite cheio assim, ó.” (Saulo).*

Esse grupo enunciou seus discursos, falando das forças que os transversalizavam, as quais geravam práticas de sobrevivência. Mesmo em condições absolutamente adversas, eles lutam para se manterem vivos, “são resistentes” ou insistentes. Impregnados dessas forças instituídas de sobrevivência, o modo de subjetivação que se impõe é num território duro, embora eles criem movimentos instituintes em suas práticas moleculares. Desenvolvem certo conhecimento sobre o outro, com um certo olhar de estrangeiro em terra comum, mapeiam o rosto, as formas caricaturais de bondade e, somente depois, é que deflagram uma fala. Há sempre um controle do olhar sobre o outro.

Da borda da sociedade:

*“ninguém dá emprego pra gente porque fala que nós é maloqueiro porque mora na Vila (...)” (Sidinei)*

Da escola também já foram banidos:

*“um dia nós tava brincando de “tudo por dinheiro”, e a professora falou que a gente tava fazendo anarquia e fazendo besteira, deu suspensão, levou para a diretoria, depois disso a gente perdeu a vontade de ir lá com aquela professora. Não entendi nada, porque na televisão pode fazer e nós não pode” (Rodrigo).*

*“não gosto da professora, ela olha pra mim com desprezo e fala que eu não tenho modos de menina”. (Helena).*

*“eu não gosto, porque não tenho sapato, roupa e material e vou lá passar vergonha”. (Helena).*

*“não adianta estudar tem tanta gente estudada e sem emprego”. (...) “eu sou o melhor aluno da classe e tenho dois empregos e nem por isso tenho o que comer em casa”. (Saulo).*

A Instituição Escolar apresenta-se como sendo uma instituição a mais, que exclui e produz estigmas. Essas crianças e adolescentes, provenientes de uma população empobrecida socialmente, encontram dificuldades para se incluírem nas Instituições, porque já se criaram muitos preconceitos e desvios relacionados a eles.

Nesse sentido, essa instituição, com seus agentes, marginaliza as crianças e adolescentes que não se vestem ou não se comportam de acordo com os valores estabelecidos. Por outro lado, o grupo produz um conceito de escola pautado na observação e vivência cotidiana. Muitas vezes vêm as pessoas que estudam, ou estudavam, desempregadas, e algumas até sem o mínimo para sobreviver. Por isso a escola para eles não é vista como uma possibilidade de ascensão social, ou mesmo, garantia de emprego.

Analisando esses discursos, constatamos que a prática escolar e os conceitos relacionados a ela estão interligados, num círculo vicioso, num território duro. A escola, sutilmente, usa de

práticas de expulsão, criando dossiês de desvios e, assim, os sujeitos acabam, também, por excluí-las de suas vidas.

As instituições que tentam normalizar, normalizar e capturar essas formas de subjetivação estão fadadas ao insucesso, considerando-se que essa população produziu um estilo de vida que, embora controlado, os mantém à borda da sociedade. Seus valores e suas regras de conduta são produzidos numa outra ótica, que poderíamos apontar como estilos diferentes de viver a vida. Esses sujeitos são permanentemente atravessados por registros molares e, incessantemente, transversalizados por agenciamentos instituintes.

A cartografia que se desenhou ou se insinuou é a de um grupo de crianças e adolescentes que possuem “lugares de filiação”. Esses lugares de filiação apesar de estremecidos pela loucura, pelo uso das drogas e pelo desemprego, ainda são lugares em que esses sujeitos estão tenitorializados e, muitas vezes, ainda são portos-seguros.

Desses lugares de intensidade afetiva, que também são lugares virtuais de desterritorialização, os jovens produzem modos de subjetivação numa linha flexível. Suas relações moleculares os incitam a criarem formas de sobrevivência, que é criar de fato, pois se reporta à história do Neguinho que descobriu modos de levar drogas aos usuários, de tal forma que, se fosse pego pela polícia, esta dificilmente perceberia a droga, bem como o caso de outros, como o da tabuleta de surdo-mudo e o do jogar chamego.

Enfim, esses ensaios de sobrevivência, relatados pelos adolescentes, têm algo de instituinte, que a própria condição sócio-histórica engendrou, pois eles criaram outros sentidos e outros códigos para tais atos. Por exemplo, “jogar chamego em véio não é prostituição, é prostituição na cabeça de vocês”. Esse modo de pensar e de sentir a vida apresenta outros códigos que não os aprisionam em um território fechado, como o da prostituição: “é prostituição na cabeça de vocês”. O desejo e a implicação com a vida não se pautam por aquilo que é normalizado pela sociedade. São formas de viver a vida também sob a violência, violência dirigida para baixo, para cima e para todos os lados. Territórios flexíveis em que os sujeitos praticam bricolagens, produzem modos de subjetivação que são atravessados por uma ética que os instiga a viver.

Há necessidade de sobreviver a qualquer custo, às vezes, usando o corpo como instrumento de negociação, como objeto de transporte, como corpo que pede, que rouba, que incita e que investe, que seduz. Máscaras e máscaras são criadas nesse movimento de desterritorialização. Quando as conexões se efetuam no grupo, as histórias individuais são transversalizadas por outras histórias, não havendo uma homogeneização nas falas e nos atos. Relatam suas histórias sem sofrimento “psíquico”, falam de seus cotidianos como se fossem “naturais”.

A força que os dobra é para fora, o que importa é o momento presente. Esses atos produzidos pelos adolescentes não são efetivados em todos os momentos de suas vidas. Entre outras coisas, perambulam pelas ruas, decifrando a cidade hostil e estranha, mas que eles enfrentam com resistência. Da periferia para o centro exercem suas forças dispersas no plano social.

Voltando ao nosso exercício de pensamento, necessário se faz recolocar a enunciação trazida por Rosa. Percebemos que ela usa, como estratégia política, a máscara de sedução, insinuando um grande encontro amoroso. Instiga o desejo do outro, para apropriar-se de alimentos, necessários a sua sobrevivência: exercício de defesa de si, da linha de força dobrada para si; não necessita de humilhar-se ou sujeitar-se ao desejo do outro. Entre ela e o verdureiro, cria-se um espaço de interlocução, em que uma certa política ocupa as entrelinhas dos espaços do afeto. O como produz e o que produz é uma potência de agir, de exercer a força, uma força delicada no cortejar da paquera.

É um modo de subjetivação, dentro e fora ao mesmo tempo, que seduz pelas bordas, sendo ela, dona de si e de seu desejo. É um encontro de jogos de sedução, nos quais se lançam flechas de encantamento ao outro, dando visibilidade ao domínio da situação. É uma máquina de guerra numa vida que é luta permanente, por onde caminha pelas vias do mundo, sem querer ordená-lo. Mestre de si,

*“eu escolho quem eu quero jogar chamego, sou livre não sou como as mulheres que trabalha para os homens” (Roseli).*

Uma linha possível de problematização dos modos de subjetivação é disparada pelas enunciações coletivas: domínio de si, força dobrada e duplicada para si. Aprenderam que seus corpos podem funcionar sem exercício da violência, mas por meio da máscara usada no jogo da sedução. Seduzindo, sem sucumbir ao desejo do outro, obtém as coisas de que necessita. O outro é sentido como alguém manipulável, encarnando o desejo sexual, e as garotas, livres para usar essa força para si.

Sua ação tem ressonância política, pois é afirmar-se no seu desejo de não desejar e não ser capturada pelo outro que lhe quer a carne. Ela não quer a carne, nem o espírito, quer parte do lucro que ele, vendedor, teria naquele dia.

Devir mulher que rompe e afirma o padrão machista. Rompe, porque lhe devolve o “nem tudo é possível”; e afirma, na medida em que depende dele o mínimo necessário para sobrevivência.

Máquinas de guerra, numa linha de fuga, por onde inventam modos de domínio do objeto que pensam tê-las capturado. Vivem nas bordas, nas fronteiras da subversão e da transgressão. Manter a vida é mais importante do que qualquer código moral. Dão visibilidade à autonomia e à liberdade para expressarem suas forças, do modo como lhes convém: modo de processar movimentos de singularização.

Certo é que os modos para que essa população se mantenha já estão codificados no circuito social (prostituir, esmolar, roubar) mas, no plano micropolítico de como exercem as relações de força, essas crianças e adolescentes dão visibilidade a criações e a invenções, no jeito como lidam com essas ofertas. O modo deles afetarem-se nas relações é diferente daqueles das crianças e adolescentes definidos pelos saberes da Psicologia, Pedagogia, Psiquiatria Infantil e Psicanálise. Não “grudam” nas pessoas por “carência, falta”. São composições de forças, num determinado momento de suas vidas, cuja efemeridade pode se atualizar.

Nessas discussões sobre as formas de sobrevivência, impõe-se problematizar a questão da cidadania e da subjetividade. Para tanto, utilizamos as idéias de Suely Rolnik (1995). Esse grupo produz acontecimento, dentro e fora, ou seja, é uma dobra do fora. Suas materialidades são as virtualidades das expressões do modo de viver a existência. Todas as formas de ações, enunciadas no grupo, implicam uma relação de encontro com o outro, ou seja, o estabelecimento de uma relação de alteridade: deparar-se com o outro igual a si mesmo, mas que causa um certo estranhamento, pelo modo de viver a vida diferente. Puro embate de diferenças e de forças que entram em desequilíbrio. Nesse sentido, a subjetividade é a de ativar o homem da moral, das noções de certo e errado ou ativar a subjetividade, em sua dimensão inconsciente, dado que possui um vetor que aciona os afetos — o homem da ética.

Essa relação com o outro é de intensa turbulência, pois produz acontecimentos que os constituem como sujeitos éticos, no sentido de produzir uma vida que merece ser vivida. Estamos afirmando que esses sujeitos são também homens da moral, na medida em que estão no mundo, pois determinados valores também permeiam suas vidas. São sujeitos éticos, na medida que afirmam as diferenças existentes.

O grupo, composto por agentes coletivos de enunciação, traz problematizações tais como: de que forma funcionam? Que afetos circulam nessas relações? Lutam pelos direitos civis, como sujeitos morais? Ou como sujeitos éticos?

Em nenhum momento, eles se colocaram como agentes que lutam por “melhores condições de vida”, diante da perspectiva de se inscreverem no corpo social. A máscara de trabalhador é impedida de se atualizar devido a um conjunto de forças que os puxam para outros lugares.

As práticas sociais, produzidas por crianças e adolescentes, levam-nos a deparar com outros corpos, com outros olhares. Podemos pensar, também, que a relação de alteridade está ameaçada, quando envolve uma docilidade de corpos, diríamos, uma certa perda de potência na prática de pedir esmolas, que é revitalizada no momento do furto e do roubo. Nesse momento, têm de ser potentes, criativos e ágeis. Devemos afirmar, ainda, que o roubo, o furto são práticas políticas, pois o objetivo não é para se ter mais bens materiais, mas sim, para se garantir a sobrevivência no presente.

Falar de cidadania e dos direitos civis em relação a essas crianças e adolescentes é paradoxal, Contudo, à sombra dessa cidadania está a alteridade, o reconhecimento e o respeito pelo outro. Entre eles, há o reconhecimento dos atos disruptivos que exercitam no campo social. Não há espaço para o julgamento moral. Estão no mundo, e seus corpos estão disponibilizados aos grandes jogos de ofertas, de modos de se comportarem. Ao mesmo tempo, eles são vedados à maioria das instituições que compõem o equipamento coletivo do Estado e da sociedade.

Nesse lugar de luta para sobreviver, a enunciação coletiva agenciada não é a do discurso; o mais lamentoso e o mais vitimado. A situação desse movimento grupal é problematizada, como na fala do garoto que disse ter dois empregos e ser o melhor aluno da classe. Todavia, isso não lhe dá a garantia de levar alimentos para casa.

Nesse momento da fala, houve intensa ruptura no grupo. Nós mesmos ficamos tomados por esse relato. Como intercessores, vimo-nos diante de uma situação até mesmo “constrangedora”, situação cujo efeito foi o caos, a “tomada de consciência” em que subjetividades encarnam ou corporificam as turbulências, sem se desmancharem.

O efeito foi o de produzir o território, perpassado por linhas flexíveis e por linhas de fuga.

Foi um ato singular esse do grupo. Movimento racional e afetivo. Contudo, o agir no mundo, de forma diferente, toma-se questão ainda não problematizada.

Afirmamos que estão produzindo uma subjetividade, atravessada também pelas linhas de fuga acopladas a uma máquina de guerra pois, cada encontro com o outro, seja para esmolar ou jogar chamego, exige deles um embate de alteridades e de criações. Nesse sentido, o “bater cascudo” exige a formação de certas rostidades, de uma máscara, para o enfrentamento com o outro diferente dele. Essa máscara e essa rostidade conferem as condições para se fazer um mapeamento psicológico desse outro. Assim sendo, não é para qualquer pessoa que se pedem esmolas.

Pensando em outras linhas, quando Sara mexe nos armários empoeirados e tira a bandeira nacional da gaveta, enrola-se ao som do “Brasil mostra a tua cara!” Pensamos que os direitos sociais, garantidos pela Constituição, não chegam até eles, são discursos vazios. As práticas de transgressões podem ser explicitadas, também, como resistência aos fluxos capitalistas que, nessas ações, são cortados por várias linhas e por várias máquinas.

Ao se enrolar na bandeira brasileira, no meio das discussões sobre as formas de sobrevivência, ao som de “Brasil mostra a tua cara!” e questionamentos acerca do país, isso nos levou a pensar ser esse o ato disruptivo. Os sujeitos dobram a força para si próprios, numa forma de resistência. As palavras são atos, os gestos são atos, e atos são políticos.

O grupo, nesse encontro, enunciou vários acontecimentos, propôs-se a rachar a ordem e os valores. Saiu de uma certa serialidade, de um modo prático-inerte, para problematizar a sua

existência. Deu passagem à visibilidade de suas formas políticas de resistência e de contestação. Deixou vazar o campo aberto virtual para o devir criança e o devir adolescente, de forma que o inconsciente maquínico pudesse forjar um devir, em que a existência pudesse ser vivida, de maneira estética.

Acrescentamos, ainda, que os acontecimentos saltavam uns sobre os outros. O encontro e as enunciações coletivas não ocorreram de forma linear e contínua pois a todo instante, novas forças iam se compondo,, tecendo novos planos de consistência.

## **2. O grupo narra as suas aventuras sexuais: encontros dos corpos vibráteis**

*“(...)É, cada um tem uma lá. Tem 2 para mim escolher lá. Meu irmão também tem urna pra ele. (...) Tem uma grandona, e tem duas que é namorada dele.(...) É, dorme todo inundo lá com a Silmara. (Rodrigo)*

*Raul:- Durmo com as duas, porque senão a pequena chora se eu não durmo com ela...*

*Vinicius:-A namorada dele mijá na cama (risos)*

*- Não, eu agarrei a mãe delas porque fui obrigado. (...) É porque eu tava bêbado, senão eu não tinha agarrado um bicho daquele (Sidinei).*

*- Transej com a mãe e as filhas, nossa! É panela vêia que faz comida boa (referindo-se à mãe da garota) (risos) Mocinha nova não tem muita habilidade, mas essas mais de idade sabe mais ainda, fica mais... (...) É mais gostoso. Esses dias lá pus o Cl. (9 anos) para a Ana (namorada de R.) ensinar ele a transar. Mandeí ela ficar nua e abrir as pernas e mandeí ele enfiar o nela, ela reclamava mas o pinto dele ainda é pequeno, ele mal consegue (Rodrigo).*

*Esses dias eu fui dormir na casa da minha avó e ela apagou a luz lá, a minha prima de 14 anos, minha prima e, falou assim pra mim: “Vamo transá” eu falei “não sei nem o que é isso “. Ela falou um negócio aí tirou a roupa dela e tirou a minha e... pus nela (Cláudio - 7anos).*

*Ela tava dando pro Neguinho, daí falou pra mim vem cá, que pintão, ela pegou assim com as duas mãos., eu enfiei na boca dela, uma hora ela deu unia mordidinha e eu enfiei os dois dedos nos zóio dela, e ficamos nós três assim (Fazem pose) em cima dela, (Rodrigo - 13 anos)*

*na construção ergui toda a roupa dela. Eu tenho fimnose professora.*

*S- Tem que operar:*

*Não, é só pegar um menino virgem e enfiar no (..) dele que acaba (Cleberson). Eu e o Rodrigo. tiramos nossa fimnose na unha. A menina chega lá, nós manda ficá de quatro e (...) (Vitor)*

Ao enunciar seus encontros sexuais, o grupo dá visibilidade à composição de forças que ganha consistência nas formas de se relacionarem uns com os outros. Busca-se a prática sexual a qualquer hora, sem regras, sem limites, imperando a lei do vale tudo. Indiscreto, público, visível, sem normas, semregras.

É um grupo que nos parece não produzir valores morais de certo e errado, que não cria para si preconceitos. Falar do exercício das práticas sexuais é um certo exercício de poder e saber - mostrando e exaltando o poder que dizem possuir sobre outros corpos. Falam com desenvoltura das trocas de parceiros e trocas de parceiros sexuais.

São atos subversivos, porque deslocam o amor romântico e, desde cedo, apostam no corpo a corpo feroz, não importando se a relação será mantida no tempo ou não. São indivíduos relacionando-se com indivíduos e, nessa prática, não há culpa, não há pecado, não há remorso, não há “sofrimento psíquico” ou “dor de amor”. É essa também uma forma encontrada pelo grupo para conduzir sua existência. É ato, acontecimento, é encontro para compartilhar o sexo.

Essa forma de prática de exercício sexual do grupo, ao mesmo tempo oposta à dos outros grupos sociais, pois questiona as idéias de amor romântico e se aproxima, guardada as devidas proporções, das grandes orgias romanas.

Esse grupo, quando enunciou suas vivências sexuais, evidenciou uma rede de amizade e de afetos entre eles. Falou de suas intimidades, de suas experimentações sexuais, sem que tivéssemos proposto discutir tal tema. Acreditamos que o ato confessional relativo ao sexo já é ato posto no circuito social.

Pelas discussões, percebemos que eles se iniciam sexualmente ainda na tenra infância. Não há limite, nem regra que impeça o exercício dessa prática. A regra parece-nos ser a do vale tudo. Há uma erotização do corpo ainda na tenra idade, iniciando às vezes com 3 anos de idade..

A relação que se estabelece com as (os) parceiras(os) é uma relação de utilizar o corpo do outro, em todos os sentidos possíveis. Diferente do padrão moral burguês, vale então “transar” com a mãe, com a filha, ensinar o irmão mais novo “transar” com a namorada, “transar” com homossexuais, vale a “transa” de três garotos com uma garota, todos juntos no mesmo espaço.

São atravessados por um modo de exercer a prática sexual, afirmando um outro jeito de funcionamento de modo disruptivo ao modelo vigente.

Enfim, torna-se visível, mediante as enunciações, que as práticas sexuais mostram-se em crianças “transando” com crianças e adolescentes. Não aparece a figura da família, como limitadora das ações. Parecem ser crianças e adolescentes que estão “soltos no mundo, sem eira nem beira”, livres, sem impedimento de nenhuma ordem, para suas brincadeiras sexuais. Nômades em suas práticas.

O mundo adulto, quando surge, é misturado com as aventuras. Nesse sentido, crianças e adolescentes vão aprendendo, concretamente a exercerem as práticas sexuais como dispositivos de saber e poder, sem que haja a figura de um adulto que dite regras e valores, e que, de certa forma, não haja a necessidade dele. Essa prática parece-nos ser dionisíaca, máscara para a transgressão, para o movimento, para o prazer e a alegria, São corpos à disposição do mundo, exercendo suas liberdades num sentido de ampliar as virtualidades de uma vida alegre.

Nesse sentido, a produção de si, e os modos de subjetivação estão ligados às forças ilimitadas no jogo do acaso, disponíveis no mundo e, ao mesmo tempo, rompendo com o modelo burguês familiar de amor, família, modos de demorar, modos de “transar”.

Entre as bebedeiras, “transam” de vários modos possíveis. As experimentações os tornam sujeitos, cujo elo de interseção com o mundo é a relação de amizade. Amizade esta criada no coletivo, no campo da multiplicidade, propiciando a eles o inventar novos modos de sobrevivência e de existência. A capacidade desse grupo em efetuar determinadas modificações, para se transformar e produzir para si uma forma desejada de existência, é algo que não escapa ao bio-poder, pois este atravessa corpos e populações.

Porém, é um modo disruptivo de se relacionar, em que não há espaço para o amor romântico, ao contrário, visam apenas o prazer nas relações, seja de que forma for, com diferentes parceiros, pondo em circulação novas formas de subjetivação. Não há necessidade da

máscara do amor, da paixão, para se afetarem com outros sujeitos. Estão no mundo, agenciando-se como interlocutores disponibilizados em campo aberto.

É a busca de uma vida cheia de acontecimentos, em que as relações de alteridade não estão corroídas. Nesse grupo, não é o homem da moral que aparece e busca conexão com o outro.

As forças que vão se compondo e se virtualizando são as dos agenciamentos, para tornarem a vida prazerosa e intensa. Transpõem a linha de força (que impõe formas de relacionamento homem-mulher), ultrapassa o poder, faz com que ele mesmo se afete (seus modos disruptivos de agenciamentos): uma dobra, uma relação de força consigo própria, resistindo às formas de amor intercambiadas no corpo social. Corpos que resistem ao papai e mamãe, às máscaras de noivinhas e noivinhos; escapam dessa rostidade e virtualizam um modo de viver a vida diferente — nômade, dispersa e múltipla.

O plano é da consistência de forças e de fluxos, de turbulências e de transformações nos corpos. Rompendo como ideal do amor romântico, as máscaras vão ganhando visibilidade, havendo conexão no aqui e no agora; não há passado, não há futuro. Tem-se que viver intensamente o que está disponível e, nesse sentido, as práticas sexuais são vividas enquanto campo de experimentação dos prazeres.

Como funcionam estes corpos? O que agenciam? São corpos à deriva, ao sabor das experimentações num entre, pelas bordas, pelas fronteiras. Rompem com todo o saber sobre a sexualidade de crianças e adolescentes postulados por várias correntes teóricas. A prática sexual é, para eles, um dispositivo, um modo de agenciamento com o outro.

Fluxos que se entrecruzam, ora em desequilíbrio, ora combinando-se em máquinas abstratas, inconsciente maquínico e diversos phylum, engendrando-os, como indivíduos desregrados. O desejo é do corpo vibrátil, quer seja criança-criança, adolescente-adolescente, adolescente-mulher mais velha. Alei que vale é a da multiplicidade dos agenciamentos possíveis. O modo como exercitam a sexualidade é algo disruptivo no campo social, não há intimismo, segredinhos, confissões, culpa e pecado. As práticas são escancaradas e públicas, fazendo desse exercício a virtualidade de uma vida cheia de histórias, cheia de acontecimentos que não são lineares.

Suas ações são políticas, são semiotizações, de múltiplos sentidos, pois rompem com o esperado de uma criança e adolescente ideal. Insinuam, nas entrelinhas, o modo de viver: o corpo a corpo é vivido com intensidade, com a vida sempre à deriva.

Entre a multiplicidade dos atos que exercitam, seus olhares não operam de forma dual. O feio e o belo, o bom e o mau não são olhares binarizados em relação ao outro. O outro é a ponte que os liga aos afetos, ao mundo, não importa a paisagem. O plano que ganha consistência é rizomático, pois não se sabe onde e quando as coisas se originam; elas estão entre os acontecimentos.

Composição de fluxos e partículas conecta com outros fluxos e partículas, desenhando novas composições e formando novos diagramas, em que a desestabilização está sempre posta. Corpos desterritorializados, máquinas de guerra em suas linhas de fuga. Rachaduras no campo social que não conseguem disciplinarizar, normatizar esses corpos em indivíduos úteis ao Estado.

O que esses corpos produzem?

Um modo de viver diferente, em que não há lugar para o corpo dócil do trabalhador, do aluno passivo em sala de aula. São corpos que desmancham constantemente o instituído. Porém, nada nos garante que não serão capturados pelos equipamentos coletivos do Estado, territorializando-se como indivíduos úteis ao sistema, pois este propaga um conjunto de fluxos, objetivando a ortopedia social. São muitos os agentes do biopoder,

Portanto, falar da produção do grupo e dos seus modos de subjetivação implica pôr o pé no presente e na multiplicidade dos acontecimentos que os engendram; atentar para as relações de força, pois estas não se reduzem à violência, constituem ações sobre ações, como, por exemplo, incitar.

Assim sendo, desnaturalizam o objeto criança-em-situação-de-risco-pessoal-e-social- e-adolescente-em-conflito-com—a-lei, por meio de suas práticas discursivas e não discursivas. Assim, o menino de nove anos é ensinado a praticar o ato sexual com a menina de onze, que é a que “fica” com o irmão dele de doze. Isso é a materialidade dos modos de subjetivação.

Devir criança-adolescente é enfrentar o mundo, alimentando-se de experiências amorosas. Assim, não necessitam de médicos para operar a fimose: “é arrancada na unha ou na ‘transa’ com menino virgem”.

Devemos dizer que não há o ritual de passagem do mundo infantil para o mundo adulto. Isso é feito aos saltos, simultaneamente, mas não linearmente. Entre tantas turbulências, a sexualidade é um modo de expressão de máquina de guerra, ativada em vidas, cujos fluxos dão pinceladas de alegria.

Vivenciar a linha de fuga virtualiza a criação da relação de alteridade, da amizade e dá passagem aos afetos (que são deveres).

A cada encontro entre os corpos, novas experimentações são agenciadas e novas forças os engendram, na busca do novo, do inédito, do diferente, na relação. Movimentos de rupturas, de desterritorialização estão presentes a cada abertura para o novo encontro. Nesse sentido, seus estilos de vida são políticos, éticos, por estarem privilegiando a alegria da vida, tomando-a gostosa de ser vivida. Para além da sobrevivência e de uma vida condenada agenciam-se como máquinas de guerra em linhas de fuga, criando acontecimentos, no presente, que se abrem para o acaso e para o inesperado da história.

### **3. Conceitos de infância e adolescência: desconstrução desses conceitos na experimentação no mundo**

*“(...) encontrei ele lá no Jardim Eldorado<sup>1</sup>, aí virou aquela confusão.(...) desde os nove anos já tava com ele. Eu era daquelas meninas safadas, vixe. . (...) já tava na Febem, já tava com ele, já morava junto (...) “Meu marido chega do trabalho e vem bater nem pego nada, se pego tacho. Eujá furei ele duas vezes com faca” (Rosa, 14 anos).*

*“É, com 9 anos comecei brigar, comecei a brigarné, daí conheci uma pessoa mais velha que eu, fui embalar, andei com eia comecei a roubar a assaltar, roubei uni três oito, com 9 anos num posto de gasolina, depois quis matar o guarda do posto, me pegaram fui para a Febem (...)” (Rosa).*

*Rindo, conta-nos que quis matar o guarda:*

*“(...)eu atirei no mesmo dia que roubei...” (...) “Mesmo tempo que eu,tava na Febem eu no mesmo dia que roubei ele tentei matar ele.” (...) “E, só, mas tinha um monte de processo, é briga, é paulada, monte de coisa, E roubo não, só esse. Assalto a mão armada com 9 anos”. (...)“ Ih! Usei um monte, cocaína, maconha, crack, usava todo tipo de droga, só pico que não” (Rosa, 14 anos).*

*“Tem estelionato, furto e de drogas, só. Peguei treis cadeias. (...) Lá em Cando Mota<sup>2</sup>, que eu tava cumprindo pena daqui e me transferiram para Cando Mota... “(.)“Dentro da delegacia, lá na sala. Daí eu peguei e falei: ‘Tudo bem. Pode continuar me batendo, cê vai me matar (Daniel, 11 anos)”*

*“Com 11 anos, eu usei maconha, aí depois de um tempinho parei, aí eu usei cocaína, só cocaína... Usei esse monte de cocaína, que põe um monte mesmo, 25 grama de cocaína, deu uma overdose ne mim. Eu fiquei com o olho prá cima assim, o braço todo duro e a boca travada, a língua ia enrolando já, pra morrer mesmo (...)” (...) “Quando saí da Febem, fiquei assustado de ver as pessoas no metrô, eu não sabia mais enfiar o bilhete, desaprendi tudo. E quando eu estava na Febem, eu olhava aquele muro e meu pensamento não funcionava.” (...) “Os policiais todos usavam drogas, todos roubam.. Cê tá pensando se me pará com maconha, cocaína, se eles catá, não vai entregar na delegacia. A gente tinha apoio ali com a polícia (...)” (Carlos, 16 anos).*

*“(...)A gente era pobre, meus irmãos eram pedreiros, meu pai era pedreiro, tinha dificuldade de ir na escola, não tinha dinheiro para comprar o material, era muito difícil, tanto é que larguei da escola para ir trabalhar com meu pai, porque não tinha condição de passar bem, porque era bem difícil, aí abandonei a escola (...) Depois fui jogá bola e me envolvi com drogas”*

*(...) “Comecei a fumar maconha, quer dissei; já tá no crime, se te pega com um cigarro de maconha, vai para baixo assinar o artigo 16, crime, o maconheiro já está no crime (...) Daí conheci pessoas que faziam furtos para usar drogas, por fim entrei nesse embalo.” (...) O pessoal fala assim tirando uma ondinha, mas é o pessoal comenta que eu compro o cérebro dos outros na conversa, eles falam né? (...) Chego e troco uma idéia com você, tenho umas idéias cabulosas que te contorna, aí você acaba cedendo.”*

*(...) “Ah esse cara tá usando droga “, então dessa maneira todo inundo fica sabendo. “(...) É duro, muito duro, é uma droga que veio para pegar todo inundo mesmo. Veio para matar o pessoal comenta comigo, não sabe como não morri ainda, usando dá um aceleração cardíaco, você dá um pega, o coração vai a milhão bumnbumbunz, parece que vai sair pela boca, numa dessa pode dar overdose. (...) a gente sente que as pessoas ficam tristes, a gente sente isso no coração, não é porque sou drogado que o meu coração rampou em pedra. (...) Não tenho namoradas, o pessoal fala que a namorada da gente é a pedra.” (Chico, 16 anos).*

*“eu já tive overdose de cola de sapateiro, fui parar no hospital” (Sara, 4 anos).*

Devemos dizer que as enunciações trazidas pelas crianças e adolescentes não ocorriam de forma linear, contínua, davam-se aos saltos com interrupções. Dessa forma, os discursos foram proferidos num devir grupal. Em alguns encontros, os sentidos de ser criança e adolescente foram ganhando visibilidade e expressão, por meio das práticas sociais.

Assim, ao som de uma música de discoteca, em que todos dançavam, em que todos tentavam aprender novos passos da dança com Helena, Sara (4 anos) vai para o centro da roda. Embora estivesse fazendo frio, ela vestia apenas uma calcinha. Enquanto dançava ela enfiava os dedinhos dentro da calcinha, esfregando a língua nos lábios e começava a rebolar. Seu irmão, Cláudio, 7anos, incentiva:

*Claudinei: Aí, Sara, mais, mais do jeito que a mãe ensinou...*

Outros membros do grupo aproximam-se de Sara, acompanhando-a na dança...

*Mas criança dança assim? (S. Coordenadora)*

*Que criança, com a gente não tem disso não, a gente entra na vida direto, a gente cai na vida, só tem a coisa do tamanho mais maior outro mais menor(...) (Vitor 16anos).*

*“eu vou à escola e tenho dois empregos, de noite vou com meu padrasto ser guarda-noturno e de dia carpo quintal, mas brinco, sorto pipa...,” (Cleberson, 9 anos)*

*“nminhaprimna transou a noite inteira comigo, quase não dormi...” (Cláudio- 7 anos).*

Exercitando-nos, para romper com todo saber construído a priori sobre o desenvolvimento infantil e adolescente tido com universal, clarifica-se a formação desses sujeitos, efeitos dos fluxos políticos capitalistas que compõem forças que vão ganhando consistência. Assim, a produção do saber dessas crianças e desses adolescentes põe em xeque os saberes produzidos no plano molar.

Modos disruptivos de viver ganham intensidade e produção de novas máscaras. Para eles, não há a separação criança e adolescente, a vida é vivida como bifurcações, em que a noção de tempo singulariza-se no tempo atual do aqui—agora; tempo de “entrar na vida”, ou seja, de lutar por ela, seja por meio da droga ou de outras práticas. É tempo de agir no mundo, entrelaçados por linhas também de violência. Tempo disruptor de saberes e poderes, de rompimento com regras, valores, leis.

“Entrar na vida” é nascer para experimentar e forjar novos acontecimentos. Máquinas de guerra e máquinas mutantes intercambiando-se no entrecruzamento das linhas.

Tempo de ser criança e de ser adolescente é o tempo em que se tecem e entretecem múltiplos acontecimentos, em seus modos de existencialização, tendo efeitos no campo social.

Assim, Sara aprende, na noite, a dançar numa boate. Cláudio, exercita-se no campo da sexualidade. Chico abandona a escola e começa a entrar no terreno da drogadição. Rosa vivencia os atravessamentos de instituições como polícia, violência e FEBEM. Neguinho experimenta a convivência com pais drogados e faz serviços de mula a mando do pai, com suas ameaças de surras com cano. Daniel aprende a lutar para sobreviver nas ruas e vai agenciando-se com furtos, polícia, torturas e tráfico de drogas. Carlos alinha-se também com furtos, drogas e também a FEBEM. Essas experiências vão acontecendo entre 4 e 16 anos.

A aprendizagem não ocorre nas escolas, ocorre no mundo, no qual os corpos contracenam em diferentes formas de luta, com o objetivo de não serem tutelados.

Tempo de infância e adolescência, tempo mítico em que os acontecimentos são sempre atualizados, fabricados no presente. Expulsam o corpo “resignado” da infância e da adolescência, criando uma corrente em contra-sentido ao plano molar.

*“a gente faz um monte de coisas e também brinca, sorta pipa...” (Cláudio, 7 anos);*

*“criança, sei lá nem quero sabe...” (Vera, 12 anos grávida);*

*“a gente gosta de dançar e cantar...” (Rodrigo, 13 anos).*

São máquinas de guerra que desmancham os territórios fixos e os modelos idealizados de crianças e adolescentes e se agenciam, conectando—se aos planos dos fluxos que tentam capturá-los e colocá-los sob tutela, forjando linhas de fuga e de invenção de novos territórios, ou

seja, criando sucessivamente formas de escapar dos equipamentos coletivos do Estado que tentam normatizá-los no tempo e no espaço. Entram no mundo desses personagens, tentando reafirmar as máscaras de infância de risco pessoal e social e de adolescência perigosa para a sociedade.

Máquinas mutantes, que desmancham identidades dadas a priori, nem bem trabalhadores, nem bem traficantes, nem bem criança que brinca..., nem bem infratores..., nem bem crianças de rua. São corpos que dobram mas não quebram. São corpos à deriva que não querem sujeitar-se. Para tentar discipliná-los usam o poder policial, judiciário, instituições como a FEBEM e medidas sócio-educativas

São personagens de uma história que rompe com o modelo posto de ser criança e adolescente. Não são corpos resignados ou assujeitados. Os adultos e as instituições impõem-lhes regras e normas, mas eles não as acatam. Nesse sentido, são desobedientes e subvertem normas de condutas. São personagens que acabam por sexualizar e erotizar o corpo infantil.

Nas experimentações vividas por esses personagens sobre o ser criança e o ser adolescente, os limites cronológicos inexistem. Assim sendo, existe um “mais maior” e um “mais menor”. Rompem com todas as verdades científicas produzidas pela Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise a respeito do desenvolvimento infanto-juvenil. O real social, empírico, vivido por eles, desconstrói todo o conhecimento elaborado a priori sobre esses sujeitos.

Estão num entre ser capturados por Conselhos Tutelares ou Febens e numa virtual linha de fuga acoplada a uma máquina de guerra.

As máscaras que vão se compondo não são de crianças frágeis, choramingonas, são de crianças e adolescentes, máquinas guerreiras, pois agenciam forças de diferentes composições, inclusive capitalistas. Não são seres teletubizados, tomam a palavra, inscrevem-se no corpo social, explicitando seus estilos de vida.

Dão, mediante suas práticas sociais, visibilidade às forças intensivas, num devir criança\adolescente\adulto, tudo, ao mesmo tempo. Transpõem a linha de forças que os leva à normatização de condutas. Cavalgam linhas com intensidade, seja a linha do traficante e outras. Com linhas do fora é que se deparam e entram em confronto: dentro e fora o tempo todo.

Fazem as linhas do fora se dobrarem para uma virtual arte de viver. Dobram a linha para constituir um território visível, em que seja possível apoiar-se. Curvar a linha, para conseguir viver sobre ela e com ela, é questão de vida ou morte. Ou seja, esses personagens enfrentam a linha do fora para poderem se apoiar e curvar na linha, para viverem com ela, sobre ela. Linhas do fora: a visibilidade dos equipamentos coletivos que agem sobre eles, com o objetivo de tomá-los sujeitos dóceis e úteis ao Estado. Dobram essa linha, na medida em que não aceitam, mediante suas práticas discursivas e não discursivas, as semiotizações impostas.

Nesse sentido, a subjetivação, a invenção de novas possibilidades de existência está no confronto com as linhas de forças; daí, sim, podemos falar em processos de singularização e em estilo de vida. Ou seja, dobrar o mundo, para que se possa vivenciá-lo, de maneira diferente. A dobra que se faz é consigo mesmo. Ao invés de se exercer sobre outras forças, a dobradura que se faz, na verdade, é consigo mesmo.

Assim, a força que trazem para si mesmos, ou seja, a dobradura da força é o que possibilita uma relação consigo mesmo. Capacidade de se conectar com um campo múltiplo, sem precisar usar máscaras de vítimas e de coitadinhos.

O modo de subjetivação diferencia-se de toda moral, foge ao modelo ideal de criança e adolescente. Ser criança e adolescente à borda da sociedade possibilita embarcar num devir, agenciando acontecimentos nunca lineares ou em sentido único, conectando-se com o devir

criança-soltando-pipa-criança-trafficando-criança-dançando,criança-cantando—  
criançaadolescente-corpo-em-luta.

Quando cantam e dançam, sorrindo, tomam visível um movimento que desestabiliza a ordem posta. Nesse sentido, seus modos de subjetivação estão ligados a uma ética e a uma estética. Paradoxo? As linhas que atravessam os personagens são também as de luta contra a domesticação dos corpos, uma certa política em relação à vida é produzida, criada, inventada. Ao mesmo tempo, virtualizam uma experimentação da vida, no estatuto ético e estético, por meio da música, da dança, do sorriso.

Como esses corpos funcionam? Ora são corpos em que o poder se instala de forma intensa (Febemizado); ora, são corpos abertos, dando passagens a ações instituintes (esconder a droga no corpo). São corpos sob os quais as linhas de normatização e a ortopedia social tendem a incidir, mas elas são rachadas, quebradas. O discurso molar, mesmo com todo aparato, não consegue efetivar-se, plenamente, junto a esses personagens.

Nesse sentido, o devir que se impõe é disparar inúmeros efeitos no corpo social, em que o biopoder ou a gestão calculista da vida da população pode até alcançá-los, mas esse poder não é capaz de dobrá-los na regra comum de ser e de viver como criança e adolescente.

Convém assinalar que há um movimento que produz e sobrecodifica crianças e adolescentes em crianças—e-adolescentes—em situação-de risco-pessoal —e--social—e—em— conflito-com—a-lei.

Esses atravessamentos institucionais são estratégias de domínio do corpo indócil à ordem, as quais, com suas práticas sociais, forjam os objetos de risco para si e para a sociedade. No movimento da drogadição, os sujeitos são ligados a um território duro, em que se visualiza o uso da droga como estilo de vida. Essa linha da drogadição estabelece-se pelo contato e pelos agenciamentos que se fazem no corpo social. O desejo de largar das drogas mostra-se intenso, mas as forças que os ligaram às drogas são mais fortes.

Outra linha que pudemos cartografar é a do território de traficante, linha molar. Diríamos que é, por meio desse território, que crianças e adolescentes criam um certo estilo de vida, para continuarem sobrevivendo dentro de uma máscara possível, a do traficante. Nessa máscara é que incide todo o discurso que sobrecodifica as práticas sociais, tanto a máscara de drogadito, quanto a do traficante, e que possibilita aos equipamentos coletivos, com seu saber apriorístico, com seus agenciamentos, com o fluxo capitalístico, propagar identidades marginais a esses jovens e montar toda uma lei e políticas públicas que acabam por reafirmar esse lugar/locus fabricado.

Assim, ser criança e ser adolescente dá visibilidade a conceitos que rompem com a semiótica dominante. O importante não é a idade, não é a temporalidade, mas as armas que se têm de criar para lutar pela vida. Tudo, a um tempo só.

#### **4. Algumas considerações sobre o processo grupal**

*“Cuidado com estes bandidinhos mirins, pois essas brincadeiras (pega-pega) é armação deles para distraírem vocês e roubar alguma coisa na igreja” (guarda da praça onde se localizava o teatro “local de encontro dos grupos”, em conversa com a coordenadora)*

Esse discurso é o mesmo que prolifera na mídia e que está enraizado em nossa cultura e em nossa sociedade. Esse discurso aprisiona o devir criança, o devir adolescente, para forjar práticas sociais que ainda continuam associando pobreza à criminalidade.

O analisador “formas de sobrevivência” dá visibilidade às forças que se compuseram e foram conectadas com as máquinas de guerra e com as máquinas mutantes, com as linhas ligadas a elas, intercambiando incessantemente. Percebemos que crianças e adolescentes, desde a tenra infância, têm que se metamorfosear em guerreiros, lutando pela vida. Não se lamentam pela vida em deriva, sempre se desterritorializando. As táticas de sobrevivência são enunciadas, de forma diferente daquela do código dominante. Por exemplo, roubar é “fazer fita”, e esmolar é “bater cascudo”; uso de uma linguagem em gíria.

Nesse processo, evidenciava-se um modo de subjetivação, ora acoplado a um modo dominante, ora de forma singularizada. Os sujeitos desse coletivo puderam perceber o quanto inventavam e criavam modos de viver a vida, que não necessariamente, passasse pela violência.

Invenção, acontecimentos, rupturas e movimentos de territorialização e desterritorialização atravessam o grupo, produzindo modos de subjetivação, em que a vida é um constante embate de forças, nunca em equilíbrio.

O analisador “práticas sexuais” funcionou, permitindo ao grupo discutir suas maneiras de relacionamento com o outro, promovendo rupturas e fissuras em relação ao plano molar. Crianças, adolescentes-adultos engendram modos imbricados e singulares de viver a vida e de experimentar o sexo.

Não existe privado, íntimo, culpa, pecado, sofrimento psíquico. As relações são expostas, não há nada escondido. Os acontecimentos são tecidos na superfície.

As relações de alteridade que se engendram ou que se enunciam não são da ordem da moral mas sim, de um inconsciente de vetor ativo para uma vida ética. É o prazer, o encantamento, sem regras morais ditando o certo e o errado nas práticas sexuais.

Essas práticas, suas enunciações coletivas levam-nos a pensar sobre a diferença que esse grupo engendra nas formas de se afirmar na vida. Afirmam-se como corpos abertos ao mundo, às multiplicidades. Não há lugar para a máscara do romantismo, da namorada, da noivinha. Desmontam-se essas rostidades, num processo, em que pululam prazeres nos acontecimentos e nos encontros.

O analisador “devir-criança-devir-adolescente” enunciou, por meio de suas práticas sociais, os conceitos de criança e de adolescente que permeavam suas relações. Percebeu-se que esse grupo não diferenciava tempo de ser criança, tempo de ser adolescente e adulto. Todos os tempos se misturam, não há separação entre aquilo que uma criança faz ou pode fazer e aquilo que um adolescente ou que um adulto faz.

Nesse sentido, estar sendo tudo isso misturado implica uma inscrição no mundo, que exige um corpo feroz, intenso, múltiplo, pois se depara com polícia, tortura, FEBEM, violência, drogas e com outros equipamentos coletivos que tentam normatizá-los e moldá-los como perigosos para si e para a sociedade e, ao mesmo tempo, necessitados de tutela e proteção.

São corpos que, desde cedo, estão disponibilizados no mundo e vão se agenciando com forças e fluxos capitalistas e, ao mesmo tempo, sendo efeitos dessas forças. Crianças e adolescentes estão num entre exercer a força para si ou dobrar-se a ela. Ser criança e adolescente é um tempo mítico, não há passado e nem futuro. As ações são fabricadas no presente e para o presente. Nesse presente, tecem, entrecem e destecem os acontecimentos que os engendram e, entre tantas práticas, “entrar no mundo” é estar potente para lutar, brincar e dançar, fazer fita, jogar xamego, fazer placas de surdo-mudo, beber e usar drogas.

Esse grupo que, em algumas circunstâncias, se colocava em situação passiva, frente a exclusões institucionais, em outras situações era crítico, perspicaz. Nesse sentido, as instituições de exclusão foram produzindo, nesses personagens, um discurso carregado de descrédito. A escola era apontada como aquela que os tratava de forma a “rebaixá-los”; o Conselho Tutelar registrava-os como personagens que precisam de cuidados e, quando ocorre a visita domiciliar,

os conselheiros se expressam desta maneira (sic): “aqui falta comida, porque tem bastante marmanjo que não trabalha”. Sobrecodificação em cima de sobrecodificação: miseráveis, carentes, vagabundos. (sic)

O grupo funcionou, formando diagramas das linhas que gravitavam sobre invenções e movimentos de territorializações. Tanto nas narrativas quanto nas dramatizações, era cortado por diferentes linhas e movimentos.

As formas de experimentar a vida foram permeadas por diferenças. Se o sonho de um era “ter um caminhão para ser lecado [acariciado] por várias mulheres”, de outro era “não quero ir para a FEBEM”, e de um outro, ainda, era “ser médico”. O sonho de um deles era “ser como o Adão, traficante da favela” Nesse sentido, o grupo foi um espaço tático, em que as diferenças puderam ganhar intensidade, sem que fossem julgadas ou normatizadas. Relações de solidariedade eram reproduzidas, no acontecer grupal: dividiam lanches, os cigarros, os doces que pediam e ganhavam nos botecos.

Enfim, pensamos que o grupo, usado como dispositivo de produção de novas subjetividades, viabilizou as possibilidades de exercício da fala e da escuta, das construções e das desconstruções de territórios e afirmações de novas inscrições sociais.

Pensamos, então, que suas histórias de vida não possuem um sentido linear, mas são compostas por uma multiplicidade de acontecimentos trágicos e que, nem por isso, possuem uma memória reativa. São crianças e jovens que, aliados à música e à dança, apresentam um certo encantamento com a vida.

Em outras palavras, a condição trágica não os tornou infelizes e vingativos, embora tenham vivido situações de abandono e convívio, diariamente, com a chamada loucura. Sofreram a expulsão da escola e do mundo do trabalho, e o fato de não pos sofrerem aquilo que consideramos o mínimo necessário para a sobrevivência não os tornou passivos frente à vida. São corpos vibráteis que lutam, ora atravessados por uma linha de fuga (máquina de guerra), ora por uma linha dura (máquina dual), ora por uma linha flexível (máquina mutante). Das condições históricas e geopolíticas criam, inventam expressões e formas de sobrevivência e de exercício da sexualidade, bem como, no “devir-criança-adolescente”.

O poder de tomar a vida como objetivo, questão relacionada à subjetividade; tomar a vida mais alegre e prazerosa foi um acontecimento produzido pelos personagens. Eles inventaram os analisadores históricos, inventaram cenas e dramatizações, inventaram novas formas de lidar com a vida e, para eles, cada encontro era um ato de festa, de celebração da vida. Era um grupo festivo, alegre.

Cabe ainda uma questão: há algo mais disruptivo, subversivo que a alegria pela vida? E são esses os estilos de vida transformados em estilos pemigosos de existência, cuja gestão de risco é administrada de forma diferencial.

---

**WHEN THE CONDITION OF EXISTENCE CONDEMNS AND THE  
LIFESTYLES BECOME DANGEROUS: BETWEEN THE LAW AND RULE**

**CRUZ, Soraia Georgina Ferreira de Paiva**

**ABSTRACT:** The article for now presented, it problematizes the subject of the considered childhood of personal and social risk and adolescence in conflict with the Law. Admitting the partner-historical production of those so much figures. Was used of a practice grupal with located characters to the border of the society, impoverished socially and noticed as dangerous for itself and for the social field. That device made possible to give visibility to unmakes processes of you know about that population extolled by different areas of the knowledge and the emergency of new lifestyles in the contemporarity obtained through the historical analyzers the ones which made explicit subjectivity processes in course. In that sense, he/she reveals the resistance to the normalization processes and social regulation.

**KEY WORDS:** administration of risks; right; psychology; subjectivity; social control; adolescence.

---

**Referências Bibliográficas**

CRUZ, S. G E P. **A produção de subjetividade em grupos de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e em conflito com a lei.** Faculdade de Filosofia e Ciências, Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2001.

CRUZ, S.G.E.P.(e outros) **Estratégias de controle social- errância-criminalização-gestão de risco.** São Paulo: Arte&Ciência, 2004.

FONSECA, MA. Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo: EDUC, 1995.

GOVERNO do Estado de São Paulo. Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

RODRIGUES, H.B. et ai. Grupos e instituições em análise. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

ROLNIK, S. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia.

In: MAGALHÃES, M. C. R. (org.). Na sombra da cidade. São Paulo: Escuta, 1995.